



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA VALDÉRIA DE OLIVEIRA ROCHA

**HISTORIOGRAFIA E LUTERANISMO: O NASCIMENTO DA REFORMA
PROTESTANTE**

PICOS - PI

2013

MARIA VALDÉRIA DE OLIVEIRA ROCHA

**HISTORIOGRAFIA E LUTERANISMO: O NASCIMENTO DA REFORMA
PROTESTANTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí-UFPI, no Curso de Licenciatura Plena em História, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História, Orientadora: Prof.^a Dr. Ana Maria Koch.

PICOS - PI

2013

Eu, **Maria Valdéria de Oliveira Rocha**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 27 de setembro de 2013.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

R672h Rocha, Maria Valdéria de Oliveira.
Historiografia e luteranismo: o nascimento da reforma protestante / Maria Valdéria de Oliveira Rocha. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (48 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Profa. Dra. Ana Maria Koch

1. Reforma Protestante. 2. Luteranismo. 3. Catolicismo.
I. Título.

CDD 284.1

MARIA VALDÉRIA DE OLIVEIRA ROCHA

**HISTORIOGRAFIA E LUTERAMINSMO: O NASCIMENTO DA REFORMA
PROTESTANTE**

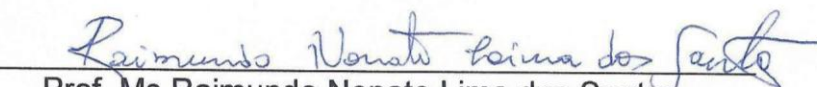
Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Universidade Federal do Piauí-UFPI,
Campus de Picos como requisito para a
obtenção do título de Licenciada em História.

Aprovada em: 17 / 09 / 13

BANCA EXAMINADORA



Prof^a.Dr. Ana Maria Koch
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Prof^a.Ms. Cristiane Feitosa Pinheiro
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

AGRADECIMENTOS

O Deus, fonte de toda vida e sabedoria. Braço direito de todas as minhas conquistas e vitórias.

A Martinho Lutero, pela inspiração.

Ao meu saudoso amigo Alvanildo *Rocha [in memorian]*, pelo incentivo dado e por ter acreditado em minhas capacidades.

Aos meus pais, Joaquim e Maria Dasvirgens, que não mediram esforços para que eu chegasse até aqui.

Aos meus irmãos Vagner, Vagson, Valdeane e Wilson, que me motivaram a seguir em frente a despeito das dificuldades.

À minha querida equipe de estudos e trabalhos, Ana Clara, Aparecida Leal, Manoel Ivaldo, Rafaela Lima e Tamires Moura pela amizade e companheirismo.

A todos os amigos e amigas que, presentes ou distantes, torceram por essa conquista e vibraram com a sua chegada.

A minha honradíssima orientadora, Prof^a.Dra. Ana Maria Koch, pela disposição constante em atender-me e por sua simpatia.

A todos os mestres deste Campus que, contribuíram com seu conhecimento e dedicação.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui, só tenho a dizer-lhes: muito obrigada a todos vocês!

DEDICATÓRIA

A Deus Pai e Senhor Soberano, por atuar na História e na vida dos homens.

A minha mãe Maria Dasvirgens, meu melhor exemplo.

Às minhas queridas sobrinhas Lavignny e Lorrany, por tornarem mais felizes os meus dias.

Às minhas queridas amizades, Ana Clara, Eliene Leal, Fadinalba Alzira, Jamaika Barros, Steffany Barros, Kelson Adelânio, Leonardo Castro, Mayctácio Lima, Aparecida Leal e Valdeane Rocha, por tornarem minha vida mais iluminada. Amo vocês!

A todos que se interessam pela pesquisa, estudo e divulgação da história da Reforma Protestante, em especial a luterana.

“Estudar a História da Igreja é comemorar, é buscar a memória cristã de cada um. Por quê? Porque Deus entrou na História, atuou na História e está levando a História a um alvo”.

Martin N. Dreher

RESUMO

O presente trabalho apresenta os antecedentes, surgimento e consolidação da Reforma Protestante Luterana na Alemanha do século XVI, a partir da análise e comparação textual de autores variados, identificando as possibilidades de escrita historiográfica dos fatos, as causas que levaram Martinho Lutero a ingressar na vida religiosa, atacar a igreja romana e sua hierarquia eclesiástica, elaborar um novo corpo de doutrina evangélica e fundar uma nova comunidade cristã. A fundamentação do estudo, apoia-se, em teóricos como Aries, Chartier (1991) Albert Greiner (1983), Ellen White (2004), Flávio Luizzeto (1989), Martin N. Dreher (1996) e Quentin Skinner (1996) e trata-se de um ensaio biográfico textual. Assim, percebe-se, as diferentes possibilidades de se escrever uma história da Reforma Protestante e as consequências que esta trouxe consigo para o pensamento e vivência da fé, no âmbito da igreja cristã moderna e contemporânea.

Palavras-Chave: Crise. Igreja Católica. Reforma Protestante. Luteranismo.

ABSTRACT

This paper presents the background, the emergence and consolidation of the Lutheran Reformation of the sixteenth century in Germany, from textual analysis and comparison of various authors, identifying the possibilities of writing historiography of the facts, the causes that led Martin Luther to join in the life religious, attacking the Roman Church and its ecclesiastical hierarchy, develop a new body of evangelical doctrine and founding a new Christian community. The rationale of the study is based on theoretical as Aries, Chartier (1991) Albert Greiner (1983), Ellen White (2004), Flávio Luizetto (1989), Martin N. Dreher (1996) and Quentin Skinner (1996) and it is a biographical essay text. Thus, it can be seen, the different possibilities of writing a history of the Protestant Reformation and the consequences that this has brought to the thought and life of faith within the modern Christian church.

Keywords: Crisis. Catholic Church. Protestant Reformation. Lutheranism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I. REFORMA PROTESTANTE: POSSIBILIDADES DE PESQUISA E ESCRITA HISTORIOGRÁFICA	13
1.1 Escolha de temas	13
1.2 Esclarecer o ponto de partida que levará à história da reforma	14
1.3 As raízes da crise espiritual: insegurança e medo	16
1.4 A importância da conciliação entre a ação do reformador e o contexto histórico	17
1.5 Os estudos bíblicos e a formação da nova fé.....	18
1.6 As críticas de Erasmo aos ensinamentos do reformador e a defesa de Lutero	19
1.7 O desespero dentro dos muros do convento.....	21
1.8 Testemunha ocular dos horrores do clero romano	22
II. LUTERANISMO: ANTECEDENTES, SURGIMENTO E CONFIRMAÇÃO	23
2.1 Os aspectos sociais e morais da Europa Ocidental nos séculos XIV e XV	23
2.2 Aumento dos atos religiosos: devoções de aparências	25
2.3 Lutero: da vida secular ao voto monástico	26
2.4 "O justo viverá por fé": centro da teologia luterana.....	27
2.5 A busca da paz espiritual: o encontro com os Evangelhos.....	27
2.6 A indignação de Lutero contra o comércio do perdão dos pecados e sua primeira manifestação pública: as 95 teses	28
2.7 A Dieta de Worms: uma tentativa de silenciar o reformador.....	29
2.8 A coragem de Lutero para defender suas descobertas	30
2.9 A chegada de Lutero a Worms: emoção e ódio	31
2.10 O início dos debates: exigências pela retratação do confessor.....	31
2.11 O fim dos debates e as confissões de fé do reformador.....	33
2.12 A Revolta dos Camponeses: lutando por uma vida mais humana.....	34
2.13 Os Doze Artigos: liberdade social e religiosa	34
2.14 O início da Revolta: caos e destruição	35
2.15 "Exortação à paz a propósito dos camponeses da Suábia": tentativa luterana de impedir a revolta.....	36
2.16 Os revoltosos: do massacre à derrota.....	37
2.17 Consequências para a Reforma: da intolerância ao extermínio	38

2.18 A Dieta de Espira e o protesto dos príncipes.....	38
2.19 A Confissão de Augsburgo: consolidação da fé luterana.....	39
III. AS PRÁTICAS COMUNITÁRIAS DA REFORMA PROTESTANTE: O CULTO E AS CERIMÔNIAS	40
3.1 O culto familiar: oração individual e leitura bíblica.....	41
3.2 A comunidade evangélica: participação coletiva e submissão	41
3.3 A ceia: partilha do pão e do vinho aos fiéis.....	42
3.4 O batismo como símbolo do novo nascimento	43
3.5 Noivado e casamento na fé luterana	43
3.6 Morte: começo de uma nova vida	44
3.7 Catolicismo e luteranismo: do coletivo ao individual	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho será apresentado em três capítulos. No primeiro, foi feita uma análise comparativa de quatro autores diferentes como Martin N. Dreher, Flávio Luizzeto, Quentin Skinner e Ellen G. White, que expuseram em seus trabalhos a história da reforma luterana, abordando a trajetória da mesma, de acordo com os fatos históricos que mais imediatamente lhes despertaram interesse.

Martin N. Dreher (1996) expôs uma narrativa dos fatos políticos no contexto da formação dos Estados Nacionais, aliados à história da cultura renascentista e humanista, como fatores precursores da Reforma Protestante do século XVI, para então descrever a ação de Lutero contra os abusos do Clero.

Flávio Luizzeto (1989), abordou a questão da reforma religiosa, visando uma descrição dos quadros moral, social, e religioso, dos séculos XIV e XV, como antecedentes fundamentais para o irromper da reforma luterana.

Quentin Skinner (1996) optou por fazer uma exposição dos acirrados discursos entre Erasmo de Roterdã, quando da publicação de sua crítica ao pensamento de Lutero, intitulada da “Liberdade da Vontade” em 1524 e Lutero que escreveu sua resposta às críticas de Erasmo, em sua obra “Da Servidão da Vontade”, para só então, passar a contar a trajetória de Lutero e sua nova teologia como consequência de seus debates.

Por fim, Ellen G. White (2004), escreveu uma história mais abrangente da igreja cristã, desde os seus primórdios no século I da nossa era, passando pelas primeiras repressões do catolicismo aos grupos cristãos não católicos, como os Valdenses nos vales do Piemonte, que foram perseguidos, torturados e mortos pelo poder repressor, bem como pelos primeiros reformadores antes de Lutero, como Wycliffe, Huss e Jeronimo, para então descrever Lutero e seu trabalho como reformador, chegando até 1530, ano da realização da Confissão de Augsburg.

No segundo capítulo, foi feita uma exposição da história da reforma luterana, como resultado da análise feita nas obras estudadas, compreendendo as características social, moral e religiosa da sociedade europeia ocidental, nos séculos XIV e XV, chegando a Lutero no século XVI, como um monge católico desesperançoso do futuro e da vida, antes e depois do convento, a formação de sua nova teologia, seus desafios abertos contra o papado e seu sistema religioso, passando por sua expulsão como herege da Igreja e a formulação de suas

confissões de fé, na chamada Confissão de Augsburg, em 1530. Com informações referentes à Dieta de Worms e a Revolta dos Camponeses, que teve como fonte a obra “Lutero: Ensaio Biográfico” de Albert Greiner.

No terceiro capítulo, foi exposto o modelo de culto e as cerimônias religiosas luteranas, como a ceia, o batismo, o compromisso matrimonial, o funeral e as concepções de salvação entre o catolicismo e o protestantismo, que tiveram como fonte de pesquisa, um texto da obra “História da Vida Privada”, dos historiadores Philippe Aries e Roger Chartier.

Espero, com isso, ter traçado uma história do protestantismo luterano de forma clara e abrangente, de modo a ter esclarecido e feito entender, suas raízes, surgimento, desenvolvimento, confirmação e consolidação.

I. REFORMA PROTESTANTE: POSSIBILIDADES DE PESQUISA E ESCRITA HISTORIOGRÁFICA.

1.1. Escolha de Temas

Ao analisar textos de diferentes autores sobre a Reforma Protestante, percebe-se que cada autor terá sua própria maneira de descrever o desenrolar dos fatos. Os autores estudados, para produção deste trabalho, como Flávio Luizzeto, Martin N. Dreher, Quentin Skinner e Ellen G. White deixaram isso em evidência. Cada um, à sua maneira, voltou o seu olhar para aquilo que mais imediatamente lhe chamou a atenção ou lhe despertou o interesse. Dreher (1996), afirmou em seu trabalho sobre a Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma, essa realidade. Segundo ele:

[...] Nos âmbitos da história profana e eclesiástica [...] se abrirão as mais diferentes possibilidades e tendências. Alguém poderá projetar uma exposição das profundas alterações ocorridas nos Estados europeus, apontar para a transferência do poder imperial aos poderes particulares. Outro apresentará as grandes batalhas da casa de Habsburg contra a França nas Guerras italianas, o cerco turco a Viena. Se preferir falar da luta desesperada pela sobrevivência do feudalismo, ocupar-se-á dos ataques suicidas de cavaleiros contra cidades e lembrar de Don Quixote. Há também a possibilidade de tomar como ponto de partida as grandes viagens transoceânicas e colocar no centro das atenções inicialmente Sevilha e depois Amsterdam e falar das grandes mudanças ocorridas com a ampliação dos horizontes, expondo a mundialização também da História da Igreja (DREHER, 1996, p. 7)

Dreher fez aqui uma exposição dessas possibilidades, demonstrando por quantos temas poderá ser contada a história da reforma do século XVI, onde uma série de acontecimentos ocorreu, como as transformações por quais passaram a formação dos Estados Nacionais europeus, com suas questões de ordem política e econômica e as dificuldades sociais vivenciadas no regime feudal.

As grandes descobertas feitas durante a época das Grandes navegações europeias expõe uma história de caráter global da formação, crise e renascimento da igreja cristã em suas múltiplas correntes de pensamentos e fé. Assim, fica claro que cada estudioso ou analista do tema “Reforma Protestante”, descreverá em seu trabalho, o contexto de sua preferência.

Seguindo a perspectiva dessa tendência, analisando o trabalho de Dreher (1996), percebemos que outras perspectivas serão voltar a atenção de sua narrativa

para a “História Social”, no contexto das guerras camponesas, ocorridas no tempo da ação reformadora de Lutero, ou ainda das mudanças culturais na humanidade, as quais coincidem com as correntes filosóficas do Renascimento e do Humanismo.

Dreher chama a atenção para esta última questão, ao apontar que “Até é bom lembrar que o Renascimento iniciou antes da reforma e que muitos dos que atuaram na reforma eram humanista” (DREHER, 1996, p. 7). Vê-se que, expor uma história das lutas sociais, durante a época em que se travaram as guerras camponesas, ou uma história das mudanças culturais, com as tendências filosóficas renascentista ou humanista, serão outras duas opções para se descrever o desenrolar dos fatos que culminaram na explosão da Reforma Protestante de forma marcante e, mais marcadamente, porque sabemos que vozes de protesto se levantaram antes de Lutero a reprovar os hábitos indecorosos e vergonhosos do clero católico, ainda por volta dos séculos XIV e XV, mas sem contudo, provocarem uma ruptura tão profunda e de tão grandes dimensões como a que foi ocasionada por intermédio do pensamento e ensinamentos de Lutero, ao criticar os tão famosos abusos morais, sociais e religiosos da Igreja católica reinante no século XVI.

1.2 Esclarecer o ponto de partida que levará à história da Reforma

Entretanto, embora haja essas múltiplas possibilidades e perspectivas para se expor uma história da Reforma, deve-se contudo, buscar por uma história da reforma, por uma conciliação desses diferentes aspectos acima apontados. Pois seria impossível deixar de lado acontecimentos de questões políticas e sociais, bem como deixar de comentar sobre as relações entre a reforma e o humanismo. A importância em se expor uma história da Reforma reside no fato de, logo em seu início, deixar clara a perspectiva pela qual se pretende fazer uma exposição dessa história. Dreher, entre todas essas possibilidades, escolheu para o seu trabalho:

Não apresentar a crise e a renovação da Igreja no período da Reforma apenas a partir de uma perspectiva teológica, mas quis trazer tantos enfoques quanto lhes foram possíveis. Deve-se, porém confessar que sua perspectiva foi a do Evangelho de Jesus Cristo, por cuja redescoberta se lutou no século XVI. (DREHER, 1996, p. 8)

Sem desprezar o lado religioso da questão, Dreher buscou expor uma história da reforma, precedida pelos acontecimentos políticos relacionados com a Espanha e Portugal. Depois de discutir, como se deu a formação destes Estados, ele

incorporou, em sua narrativa, a necessidade de ver a reforma também como parte da “História da Cultura” que, em parte, coincidiu com o Renascimento iniciado na Itália, já no século XVI, e ainda com o Humanismo, também no século XVI. É destas duas correntes de pensamentos que surgiu uma boa parte dos reformadores, os quais eram seus adeptos ou influenciados por elas, como é o caso de Melânchthon, amigo íntimo de Lutero, Zwinglio e Calvino, que eram humanistas, e que por outro lado, também foram representantes do Renascimento.

Quanto a buscar um objeto para a reforma em si mesma, Dreher defendeu que como renovação da Igreja Cristã e de sua mensagem, a reforma não poderia ser explicada tão somente a partir dos acontecimentos políticos, sociais e culturais que a precederam nos séculos XIV, XV e XVI, ao afirmar que:

a mensagem evangélica, à qual Lutero e outros deram expressão em seus dias, não foi sua criação. Ela recebeu forma na cela monástica, na cátedra universitária [...] mas não é ideológica produzida nas discussões com a Igreja medieval, com as massas populares e com a burguesia [...] como disse antes, a Reforma beneficiou-se do processo histórico. Por outro lado, sofreu as consequências do processo histórico (DREHER, 1996, p. 12).

Como veremos mais adiante neste trabalho, a Reforma Protestante, começando pelo luteranismo, de fato, formou suas raízes da angústia espiritual e inquietação de Lutero, que buscou na vida religiosa, uma cura para elas. Foi ali, na vida do claustro, que Lutero teve um encontro com os Evangelhos, dentre eles, a epístola de Romanos, que lhe forneceu a solução para sua angústia e elaboração de uma nova teologia evangélica a cerca da salvação do homem.

Foi a partir dessa descoberta, que passou a debater esta questão no meio universitário e social da época, mas quanto a ter se beneficiado da própria história, para seu desenvolvimento, ficou evidente que, a Reforma teve suas vantagens, somente no ponto histórico em que ocorreu, sendo ainda que, a mesma só pôde acontecer no momento em que ocorreu, não que o autor pretenda diminuir a coragem de Lutero ao enfrentar as autoridades eclesiásticas do catolicismo, mas demonstrar que o movimento luterano só pôde aparecer nos anos que antecederam e sucederam a morte do monarca Maximiliano I, beneficiando-se ainda das guerras que envolveram Carlos V e Francisco I, das conquistas políticas dos senhores territoriais, do momento em que o papado escolheu ser um aliado de Francisco I e os turcos estarem avançando em suas conquistas.

Contribuiu ainda o Humanismo, auxiliando a Reforma, exigindo uma reforma do sistema universitário vigente. A Reforma ganhou vantagem aqui, por que de fato essa reforma foi feita na Alemanha, como atendimento às reivindicações dos adeptos da chamada “nova fé”. Para concluir suas observações, o autor esclareceu que, quem quiser argumentar com a afirmação de Lutero que “o verdadeiro tesouro da Igreja é a santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus” (DREHER,1996, p.13), terá que antes entender que a Reforma, como sendo o Evangelho colocado em seu devido lugar, isto é, como palavra inquestionável e imutável de Deus, não deve ser vista como um acontecimento restrito ao passado, mas como algo que deve acontecer sempre, ou seja, o Evangelho e a Igreja que buscaram ser reformados, sofreram grandes desgastes nesse processo.

A Igreja, em si mesma, quebrou-se, formando assim as outras Igrejas territoriais, as quais, poucos souberam manifestar sua liberdade evangélica. Daí decorre-se, que o título “Eclésia Reformata” não corresponde a uma realidade, mas na verdade, se compreendermos o propósito da Reforma do século XVI como uma “Eclésia Sempre Reformanda” poderemos, finalmente, chegar à conclusão de que, a Reforma é algo importante na História, pois não foi algo que ficou pronta e acabada nos tempos passados, ela é algo que necessita ser novamente reformada, de tempo em tempo, sempre que preciso.

1.3 As raízes da crise espiritual: insegurança e medo

Flávio Luizzeto (1994), em seu trabalho Reformas Religiosas, buscou pelos desdobramentos que culminaram na explosão da Reforma, em torno das crises moral e social que abalaram a vida da Europa Ocidental, nos séculos XIV e XV que, conseqüentemente, afetaram o lado espiritual da cristandade dessa época, provocando um sentimento intenso de medo e insegurança nas pessoas que, por sua vez, passaram a buscar nas orientações da Igreja uma solução para o problema e acabaram por mergulhar no desespero cada vez mais, visto que as possíveis soluções encontradas não surtiram efeito, isto é, as pessoas aterrorizadas com a fome, epidemias e guerras achavam que fazer penitências, jejuns, frequentarem missas e coisas assim, levariam ao fim esses males.

No entanto, perceberam com o passar do tempo, que nada mudava e então começou o abatimento da crise espiritual na vida das pessoas e Lutero estava entre

elas. Foi aqui que Luizzeto começou a descrever como se deu a Reforma Protestante, para ele “uma narrativa sobre a reforma requer um esclarecimento prévio acerca das linhas de interpretação que esse evento histórico admite” (LUIZZETO, 1989, p.9). Luizzeto à semelhança de Dreher, admitiu uma variedade de opções pelas quais se pode fazer uma narrativa dos fatos e, valendo-se delas, escolheu para si falar das crises social, econômica, moral e religiosa, dos séculos XIV e XV, como já foi dito anteriormente, como fatores que prepararam caminho para a reforma luterana.

1.4 A importância da conciliação entre a ação dos reformadores e o contexto histórico

Sobre as perspectivas de tendências para se escrever uma narrativa, a partir dessa tematização de questões de ordem social e moral, segundo o autor.

Sobre o assunto pode-se alinhar três posicionamentos: um deles atribui demasiada importância à ação individual dos reformadores, superestimando, conseqüentemente o papel de Lutero e de Calvino nos acontecimentos. Um outro [...] tende a minimizar a participação dos reformadores no movimento e o superestimar o contexto histórico, finalmente, pode-se considerar o posicionamento que pretende evitar os excessos cometidos pelos anteriores e procura avaliar o peso relativo dos indivíduos e das circunstâncias históricas no desenrolar dos acontecimentos (LUIZZETO, 1989, p. 9-10).

Dentre essas três correntes de posicionamentos, tanto é descabida seguir a linha de posição da primeira, quanto da segunda, visto que tanto uma quanto outra, não oferecem por si só uma explicação convincente sobre a origem da reforma, sendo que a mais significativa seria, de fato, a da terceira posição, que buscou por uma narrativa conciliatória das duas primeiras posições, a fim de produzir uma narrativa mais significativa, de mais fácil compreensão.

É com esta última posição que Flávio Luizzeto se identificou, ao dizer que: “a tendência, portanto, é no sentido de encontrar um ponto de equilíbrio ideal, de modo que a ação individual dos reformadores apareça relacionada às condições socioeconômica, políticas e culturais que tornaram possível a eclosão do movimento protestante” (LUIZZETO, 1989, p.13).

Seguir essa metodologia proporciona ao pesquisador uma visão mais ampla para expor uma narrativa dos fatos, onde a reforma deixará de ser vista como um

caso de particular rebeldia de Lutero ou outros reformadores, indignados com a tão poderosa igreja romana, mas de forma que possa ser vista como uma resposta religiosa às necessidades espirituais de uma cristandade angustiada que andava a buscar solução para seus problemas que, por sua vez, não a encontrava nem na liturgia, nem na dogmática da Igreja romana.

O enfoque se deu, portanto, na busca por situar a reforma em um quadro de referências mais amplas, buscando pela democracia dos quadros tradicionais: Estado, sociedade, Igreja, os quais marcaram as características da história da reforma e suas relações com as características da história europeia, naquele período.

Entretanto, analisar a história da reforma e suas relações com as características sociais, não significa dizer que o movimento reformista deva ser deixado de ser visto, de fato, como uma manifestação fundamentalmente religiosa.

1.5 Os estudos bíblicos e a formação da nova fé

Quentin Skinner (1996), em seu trabalho, as Fundações do Pensamento Político Moderno, optou por uma narrativa mais breve e imediata, isto é, começou a expor uma história da reforma luterana, a partir do próprio Lutero, mais ou menos, por volta de 1511, quando de sua nomeação para assumir a cátedra de teologia da universidade local.

Já em plena atividade no meio universitário, Lutero fez um estudo aprofundado dos Evangelhos, dos Salmos, de Romanos e de Gálatas, de 1513 a 1517. Destes estudos, resultou a elaboração de sua teologia que, segundo Skinner, “lhe proporcionou o quadro para atacar não só o tráfico que o papado efetuava das indulgências, mas todo um conjunto de atitudes sociais, políticas, assim como religiosas, que tinham ficado associados aos ensinamentos da Igreja Católica” (SKINNER, 1996, p. 285). Vemos que, o enfoque do autor, foi visionar imediatamente Lutero e sua teologia, como o fator responsável para se questionar a igreja e seus costumes.

Uma vez preocupado com a questão da salvação do homem, Lutero foi vítima de uma crise de identidade particular própria, a qual, o levou a descrer do valor de sua existência e, em consequência disso, ele negou a possibilidade do homem ser

capaz de seguir as já estabelecidas leis de Deus, e desse pensamento decorreu o seu esforço em explicar a questão da natureza decaída do homem.

1.6 As críticas de Erasmo aos ensinamentos do reformador e a defesa de Lutero

Essa doutrina rejeitou a noção de que o homem possuía capacidade e virtude, pregadas pelo humanismo, e foi esse o motivo pelo qual Lutero rompeu de todo com os humanistas e aproveitou a ocasião para desferir um furioso ataque para seu principal pregador, Erasmo de Roterdã, quando da publicação do seu famoso discurso, intitulado “Da Liberdade da Vontade”, em 1524.

A princípio, Erasmo demonstrou ser um cuidadoso adepto da reforma luterana, exaltando a publicação das 95 teses e se esforçando para impedir que Lutero fosse condenado, sem que as autoridades imperiais alemãs o escutassem. Porém, quando Lutero foi excomungado, Erasmo foi se afastando cada vez mais e acabou por si tornar um verdadeiro inimigo do luteranismo. Temendo a reação das autoridades católicas:

Por volta de 1521, ele insistia em que se opusera mais do que ninguém aos panfletos de Lutero, e dois anos mais tarde, finalmente cedia ao pedido formulado pelo papa e por Henrique VIII, entre outros, que redigisse um tratado antiluterano (SKINNER, 1996, p.288).

Vemos que Erasmo não só negou ter apoiado Lutero e nele acreditado por um tempo, como também passou a trabalhar intelectualmente, para agradar ao papado e ao monarca inglês, a fim de criticar e acusar Lutero e sua doutrina. Sendo que a doutrina luterana em relação ao homem, seria um alvo certo para por em ação seus talentos humanísticos, trazendo ao público, como já foi mencionado anteriormente, um tratado intitulado “Da Liberdade da Vontade”, no qual não só criticava Lutero com inúmeras citações das Sagradas Escrituras e dos escritos dos padres católicos, como também desafiou o público a que não perdesse tempo dando ouvidos às coisas obscuras pregadas e ensinadas por Lutero.

Em contrapartida, Lutero entrou logo em ação para defender a si próprio e a sua doutrina, onde imediatamente escreveu uma resposta bem elaborada e de excepcional violência crítica, na qual deu total significado em detalhes de suas convicções teológicas, onde finalmente apresentou sua doutrina, como anti-

humanista e pós-agostiniana do homem. A obra foi publicada em 1525, intitulada “Da Servidão da Vontade”.

Nessa obra, Lutero opôs-se de forma implacável e insistiu em criticar a obra de Erasmo, na qual afirmava que o homem possuía capacidade própria, para do uso de sua razão pessoal descobrir e conhecer Deus e sua vontade, que no contexto de tal afirmação, toda a capacidade que o homem possuía em si e de si mesmo perante Deus era apenas um intelecto carnal, uma vez que, como vítima do pecado, o homem decaiu da graça de Deus e de Deus estava afastado, restando-lhe apenas uma condição de completa maldição, prisão, enfermidades e por fim a morte.

Isso, por si só, já seria uma reflexão para se rejeitar a afirmação de Erasmo de que alguém pudesse medir Deus por sua razão e por meio dela conhecer os mistérios da divindade. Essa conclusão de Lutero sobre uma servidão humana ao pecado levou-o a concluir que não há nenhuma esperança para um relacionamento entre o homem e Deus. Em seguida, surgiu outra conclusão, ainda mais desesperadora para Lutero, a de que jamais poderemos fazer nada que possa nos tornar justos diante de Deus e, assim, sermos salvos da ira divina.

Logo, foi este o ponto de tensão entre Erasmo e Lutero e o principal tema discutido e defendido na obra “Servidão da Vontade”. Lutero apresentou uma disposição a reconhecer que o homem tinha uma liberdade, a de comer, beber, procriar e governar e, até mesmo, a de praticar boas ações em conformidade com a justiça da lei civil e moral.

Embora reconhecesse essas liberdades na vida do homem, o que Lutero fez questão de negar foi a afirmação erasmiana de que, por intermédio da liberdade da vontade, em face de um poder natural da vontade humana que capacitasse o homem a se dedicar às coisas que conduziam à salvação final e eterna da alma, acontecia o contrário, pois sendo o homem carnal, apreciava e preferia somente as coisas da carne, disso decorreu que a livre escolha humana resultaria sempre em pecado e, em consequência, estavam destinados à perdição por seus ímpios desejos e procedimentos.

Sem nenhuma chama de esperança, Lutero concluiu sua “Servidão da Vontade” na certeza de que a livre escolha não valia nada e que para a salvação do homem, nenhuma de suas boas obras possuía um valor salvífico. Foi justamente nesse ponto do conflito entre Lutero e Erasmo que Skinner passou a descrever a trajetória de Lutero, começando com suas angústias espirituais no convento onde

passou a viver, até a elaboração de sua nova teologia sobre a salvação do homem, por meio da fé somente, suas críticas ao sistema religioso católico e, finalmente, seu desafio aberto contra o papado, com sua separação definitiva da igreja em 1521, como já referida antes.

Ellen G. White (2004), em sua obra “O Grande Conflito”, tratou de expor uma história do cristianismo desde os tempos da igreja cristã primitiva, passando pela introdução na igreja de crenças e de costumes pagãos, as quais foram as responsáveis por uma decadência dos princípios cristãos herdados diretamente dos ensinamentos pessoais do próprio Jesus e, posteriormente, dos seus apóstolos e primeiros discípulos. Ela contou ainda, sobre a manutenção desses costumes cristãos por parte de grupos de fiéis, como os Valdenses, que descobertos pelo regime papal, foram duramente reprimidos.

Seguindo a narrativa dos fatos, White expôs o despontar de vozes em favor de uma reforma religiosa na Inglaterra, como a do ex-padre João Wycliffe, considerado como “estrela da manhã da reforma” e, em seguida, influenciados por seus escritos o boêmio João Huss e seu associado Jerônimo, os quais expuseram suas críticas aos abusos do papado, foram condenados como hereges e mortos na fogueira. Após descrever esses antecedentes, White passou a mostrar como apareceu Lutero com sua angústia espiritual, decidido em ingressar no convento em busca da paz com Deus e seus esforços pessoais para conseguir tal graça, quando disse “Se fosse possível a um monge obter o céu por suas obras monásticas, eu teria certamente direito a ele. [...] Se eu tivesse continuado por mais tempo, teria levado as minhas mortificações até a própria morte” (WHITE, 2004, p. 73).

1.7 O desespero dentro dos muros do convento

Apesar dos tamanhos esforços de Lutero, foi dito que sua alma de tão sobrecarregada que estava não encontrou, na prática devocional e penitencial, esperança e consolo algum e, finalmente, submergiu no desespero. Nesse momento de crise, um amigo o consolou, indicando que olhasse com fé para a Palavra de Deus a qual revelava a Jesus Cristo, ao aconselhar-lhe “Em vez de torturar-te por causa de teus pecados lança-te nos braços do redentor, confia nele, na justiça de sua vida, na expiação de sua morte, o filho de Deus se fez homem para dar-te a certeza do favor divino [...]. Ama aquele que primeiro te amou” (WHITE, 2004, p.73),

consolidado com tais palavras Lutero sentiu-se refrigerado em seu espírito. Por essa época, foi ele ordenado professor de teologia da Universidade de Wittenberg e começou a fazer conferências sobre os Salmos, Evangelhos e epístolas paulinas. Como um sincero fiel católico e não tendo em mente a menor ideia de que houvesse fé alguma além dessa, decidiu fazer uma viagem de peregrinação a Roma. Estando a caminho, parando de mosteiro em mosteiro, foi dito: “encheu-se de admiração ante a magnificência e luxo que testemunhou dos monges que habitavam em esplêndidos apartamentos, ornamentavam-se em vestes custosas e banquetavam-se em suntuosas mesas” (WHITE, 2004, p.74). A contemplação de Lutero, da forma de vida do clero pelos lugares por onde passou, contrastava com a humildade pregada do púlpito pelo mesmo clero, deixando perplexa e confusa sua mente.

1.8 Testemunha ocular dos horrores do clero romano

Estando já em Roma, nova onda de admiração e espanto tomou-lhe conta da alma, ao ver que “por toda parte via cenas que o enchia de espanto, iniquidade entre o clero, gracejos imorais dos prelados. Horrorizou-se com sua espantosa profanidade, mesmo durante a missa, deparou-se com o desregramento e libertinagem” (WHITE, 2004, p. 74), Por fim, disse Lutero: “ninguém pode imaginar que pecados e ações infames se cometem em Roma [...] Por isso que costumam dizer: se há inferno, Roma está construída sobre ele” (WHITE, 2004, p. 74). Pelo que se percebe, Lutero foi profundamente abalado ao ser testemunha ocular de todo um conjunto de maus hábitos, desregramentos e imoralidades de toda espécie, entre os membros da própria hierarquia eclesiástica.

White esclareceu, a partir desse ponto, o levantamento de Lutero contra tais abusos e depois à venda de indulgências, culminando com a sua separação total da igreja romana, sua excomunhão por ela e, finalmente, uma reunião na cidade de Augsburg na Alemanha, em 1530, para se redigir a Confissão de Augsburg, documento que apresentou ao público as principais doutrinas do luteranismo.

II. LUTERANISMO: ANTECEDENTES, SURGIMENTO E CONFIRMAÇÃO.

Estudar a Reforma Protestante, que teve início de forma mais significativa com Martinho Lutero na Alemanha, requer uma análise e um conhecimento prévio sobre as condições sociais, políticas, econômicas e culturais da Europa Ocidental, antes do século XVI.

Historiadores do assunto, como Flávio Luizzeto e Martin N. Dreher, ao escreverem sobre o movimento reformista, apresentaram pontos de vista idênticos sobre essa necessidade. Para Luizzeto, estudar esses assuntos significa aparentemente estudar matéria de natureza exclusivamente religiosa, “mas só aparentemente, porque a história espiritual da Europa no século XVI não pode ser examinada isoladamente da história social, política e econômica da época.” (LUIZZETO, 1989, p. 9) Dreher, afirmou que:

A exposição da história da crise e renovação da Igreja no período da Reforma sempre estará ligada a aspectos muito particulares da própria história do historiador [...] me parece que [...] a preocupação está em apresentar os segmentos populares, os processos econômicos, as mudanças sociais e mentais. (DREHER, 1996, p. 7)

Como podemos notar, os autores mencionados buscaram em seus respectivos trabalhos uma análise e um conhecimento das questões de ordem social, política, econômica e cultural. Assim sendo, tomarei como ponto de partida, esse pressuposto, para expor uma história mais detalhada da reforma luterana, bem como seus antecedentes nos séculos XIV e XV, com base em análise feita nos textos de Flávio Luizzeto, Martin N. Dreher, Quentin Skinner e Ellen G. White.

2.1. Os aspectos sociais e morais da Europa Ocidental nos séculos XIV e XV

O tempo precedente à Reforma costuma ser descrito pela historiografia como um período de crise. Os séculos XIV e XV foram profundamente marcados por um trio de destruição dos valores sociais e morais no continente europeu, provocada pela fome, epidemias e as guerras.

A fome foi ocasionada, em consequência da queda na produtividade do solo. A escassez de alimentos de primeira necessidade resultou num aumento elevado dos preços, prejudicando o abastecimento das cidades com isso, a miséria de amplos setores da população foi inevitável. Logo em seguida, teve início a

mortalidade provocada pelo contágio em massa da Peste Negra. Esta, por sua vez, foi ocasionada tanto pela debilidade de uma população mal alimentada quanto pelas péssimas condições de higiene nos campos, povoados e cidades. Por fim, vieram também as guerras, sendo a mais conhecida, a Guerra dos Cem Anos, que durou de 1339 a 1453. As guerras desse período se utilizavam de estratégias bem definidas para alcançarem êxito, como o bloqueio econômico e expedições bem treinadas e equipadas para destruir os recursos do adversário.

Dado essa conjuntura de fatores, veio o nascimento da crise dos valores sociais e religiosos da época, “nesse ambiente assinalado por catástrofes, dificuldades e adversidade de todo gênero, a vida cotidiana achava-se dominada, amplamente, por um forte sentimento de insegurança quanto ao presente e de incerteza quanto ao futuro” (LUIZZETO, 1989, p. 17). As populações desse período viviam em contínuo clima de alerta, movidos pelo medo do contágio e da morte, por causa da Peste Negra e, ainda, dos ataques de grupos de banditismo organizado, os quais circulavam pela Europa, espalhando por onde passavam o terror e o medo e que a qualquer momento poderiam invadir os povoados, promovendo assaltos nas mais conhecidas rotas comerciais, bem como, invadindo e se apossando de aldeias.

Foi dentro deste contexto de insegurança e medo, que os valores espirituais foram abalados e passou-se a buscar nos ensinamentos da igreja romana, a solução para tais problemas. Segundo os ditames da Igreja, “as catástrofes que assolavam a cristandade, foram percebidas como um sinal divino a reprovar a vida pecaminosa, os hábitos desregradados, a corrupção dos costumes, o relaxamento geral da vida” (LUIZZETO, 1989, p. 18). Assim, ficou evidente que tal ensino provocou um sentimento de culpa nos indivíduos e estes atribuíram tantas desgraças aos seus próprios pecados e, logo de imediato, essa sociedade se viu na necessidade de buscar pela inversão dos fatos.

O povo cristão achava que conhecia os meios eficazes para se libertarem da ira divina, esses meios, seria aumentar a prática das boas obras, como cumprir rigorosamente os mandamentos da Igreja, frequentar a missa com maior regularidade, intensificar as orações, penitências, jejuns e peregrinações. Em decorrência dessa forma de se interpretar os fatos e a vida, viu-se, no final da Idade Média:

Uma exacerbação dos atos religiosos, praticados com intensidade antes desconhecida. A vida individual e social, em todas as suas manifestações,

estava saturada de concepções de fé, todo o pensamento tendia para a interpretação religiosa das coisas individuais. Era enorme a presença da religião na vida diária (LUIZZETO, 1989, p. 19).

2.2 Aumento dos atos religiosos: devoções de aparências

Todavia, nem sempre essa prática intensa de religiosidade, significava que a vida de tais indivíduos fosse virtuosamente mais espiritual e mais cristã. Com o passar do tempo, tais práticas foram se tornando uma rotina e, pouco a pouco, foi perdendo seu significado, até que chegaram ao ponto, em que foi dito pelo autor: “às vezes, as intenções aparentemente piedosas encobriam o relaxamento dos costumes. Em dias de festas, as pessoas iam de visita as Igrejas mais distantes, não só para pagar promessas de peregrinação. As festas eram ocasiões para toda espécie de libertinagem” (LUIZZETO, 1989, p. 20).

Pode-se perceber que houve uma espécie de confusão entre as esferas do sagrado e do profano, onde de um lado buscaram expressar uma devoção profunda e sincera, mas por outro, perderam o real significado do que era espiritual e o confundiram com as coisas temporais. Mesmo que as pessoas tenham buscado na prática das boas obras aplacarem a ira divina e encontrarem paz espiritual para si mesma, viram que as condições adversas que as rodeavam não se alteravam, nem sentiram paz alguma, com isso, a tendência foi intensificarem cada vez mais, a prática das boas obras, de maneira que se vivia em contínua tensão, como que, de um círculo vicioso. O problema chegou a tal ponto que:

Na época que precedeu a Reforma, eram cada vez mais remotas as chances de reconciliar a cristandade com Deus por intermédio da doutrina da igreja. Esta não conseguia mais atender as necessidades espirituais dos fiéis e reverter o quadro de medo, desespero, angústia e incerteza que tomava conta das consciências (LUIZZETO, 1989, p. 21).

A esta altura dos fatos, o povo cristão já havia perdido de vista a direção a seguir e Lutero, evidentemente, fazia parte desse povo, achava-se tão desesperado, quanto qualquer devoto de seu tempo. Foi neste momento, que encontrou sentido a Reforma Protestante, começando pelo luteranismo, o qual se esforçou por encontrar uma resposta satisfatória para sua tamanha necessidade espiritual.

2.3 Lutero: da vida secular ao voto monástico

Foi justamente aqui, que entrou em cena a figura de Martinho Lutero. Em 1483, ao terminar seus estudos na Universidade de Erfurt, recebeu o título de Doutor em Filosofia. Em 1505, viu-se obrigado a lecionar na Faculdade dos Artistas, pois havia se tornado mestre em artes. Seu pai, preocupando-se com o seu futuro, encaminhou-o para a Faculdade de Direito, na qual começou a estudar em maio de 1505. Um mês após iniciar os estudos no curso de Direito, Lutero fez uma viagem, em cuja volta, em julho desse ano, viu-se envolvido por um forte temporal. Próximo ao local em que estava caiu um raio, de sorte que o mesmo, provocou intenso medo em sua pessoa, pelo que invocou a ajuda de Santa Ana, nestes termos: “ajuda Santa Ana, quero tornar-me monge” (LUIZZETO, 1989, p.24). Ao passar por este incidente, Lutero sentiu-se totalmente dependente de Deus, de sua graça e misericórdia. A promessa que fez, era uma forma de expressar seu desejo de buscar um melhor caminho para sua vida espiritual, a fim de alcançar a graça de Deus.

Ao ingressar a vida religiosa no convento dos agostinianos, este era o mais rigoroso e Lutero, como um fiel obediente, cumpria rigorosamente, dia-a-dia, suas regras. Em 1509, tornou-se Bacharel em Teologia. Prosseguindo ainda seus estudos, tornou-se em 1512, Doutor em Teologia, e desde então, até o final de sua vida, foi professor da Bíblia, na Faculdade de Teologia da Universidade de Wittenberg.

Sobre as devoções de Lutero no convento, assim escreveu Flávio Luizzeto: “tendo procurado o refúgio do claustro, com o objetivo de sentir a garantia de sua salvação, Lutero apenas conseguiu ver aumentado o seu desespero” (LUIZZETO, 1989, p. 37). Vemos aqui, que foi contrastante o que Lutero buscou na vida religiosa de um convento e o que realmente passou a sentir estando a cumprir tais regras. Na vida de um monge, buscou paz para seu espírito atormentado em face do sentimento de culpa diante de Deus por seus pecados, no entanto, foi-lhe decepcionante, a insegurança e o medo que sentiu estando ali, até que inesperadamente, a solução para tal problema, se aproximou dele. Sobre esse precedente escreveu Dreher:

O professor da Bíblia passou a desenvolver intensa atividade em Wittenberg.” De agosto de 1513 a outubro de 1515 interpretou os Salmos, em 1515/16 trabalhou sobre Romanos, em 1516/17 sobre Gálatas, 1517/18

sobre Hebreus, em 1518/19, foi novamente a vez dos Salmos (DREHER, 1996, p. 26).

2.4 “O justo viverá pela fé”: centro da teologia luterana

Pela análise desta passagem, observamos, que do período que foi de 1513 a 1519, Lutero aprofundou seus estudos teológicos e se deparou dentre outros, com o texto da carta de São Paulo aos Romanos, texto este, que exerceu um profundo impacto sobre seu espírito, especificamente o verso que diz: “o justo viverá pela fé”, o qual o fez chegar à conclusão, que a salvação pessoal é alcançada somente pela fé na graça de Cristo, e não pela prática de boas obras como ensinava a Igreja. Portanto, leva-nos a compreender, que foi a partir destes estudos, que teve início dois importantes momentos na história do luteranismo: a descoberta da justificação pela fé, independentemente das obras e a publicação das suas 95 teses. Estes dois fatos, marcaram o início da trajetória de Martinho Lutero como reformador protestante da Igreja cristã de então.

A análise feita de outros autores, como Quentin Skinner e Ellen G. White, que escreveram sobre a reforma, seus antecedentes e desdobramentos, mostram-nos uma espécie de cronologia, em que se descreveu em linha reta no tempo, a ação vigorosa de Lutero na elaboração de uma nova teologia para a salvação do homem e seus desafios abertos contra os ensinamentos do sistema religioso vigente.

2.5 A busca pela paz espiritual: o encontro com os Evangelhos

Para Skinner, “começar a história da reforma luterana pelo seu ponto de vista tradicional, significa começa-la pelo meio” (SKINNER, 1996, p. 285). A passagem citada, diz respeito, a uma das atitudes mais marcantes e decisivas de Lutero contra a Igreja Católica. Referem-se, à sua ousadia de afixar na porta da Igreja do Castelo de Wittemberg, na Alemanha em 1517, um manifesto público de sua autoria, que ficou conhecido como as 95 teses. Ainda, segundo Skinner “o mais adequado será principiar a história por onde o próprio Lutero a começou” (SKINNER, 1996 p. 285), isto é, com sua nova teologia, a qual lhe permitiu, como já dito antes, combater tanto a prática do comércio das indulgências papal, quanto as atitudes sociais, políticas e religiosas, resultantes do pensamento e ensino da Igreja Católica de seu tempo. Portanto, as causas que o levaram a romper com Roma e dar origem ao

luteranismo, residiram na origem de sua “concepção da natureza humana” (SKINNER, 1996, p. 285). Esta concepção, o levou a refletir, mais profundamente, sobre a questão da salvação do homem, levando-o a fazer um estudo rigoroso das Escrituras Sagradas em busca de respostas para suas inquietações. “Lutero vivia obcecado pela ideia da completa indignidade do homem” (SKINNER, 1996, p. 285).

Sobre o impacto da Carta de São Paulo aos Romanos sobre o espírito de Lutero, e mais, especialmente a afirmação de que “o justo viverá por fé”, assim transcreveu Hellen White, a atitude imediata de Lutero:

ergueu-se de um salto, envergonhado e horrorizado. Desde aquele tempo viu mais claramente a falácia de si confiar nas obras humanas para a salvação. Deu as costas a Roma. O afastamento tornou-se cada vez maior, até vir a romper todo contato com a igreja papal (WHITE, 2004, p. 7).

Ficou claro, que o impacto que a passagem de Romanos lhe causou, Foi o passo decisivo para que sua angústia espiritual acerca da salvação humana chegasse ao fim, bem como, para sua separação da Igreja Católica, dando com isto, início a uma oposição aberta aos princípios morais e religiosos, predominantes na igreja de então e a rivalidade desta, que por sua vez, passou a combater com todas as suas forças, a chamada “heresia luterana”.

2.6 A indignação de Lutero contra o comércio do perdão dos pecados e sua primeira manifestação pública: as 95 teses

Em 1517, apareceu pelas ruas de Wittemberg, um representante do papa, chamado Tetzel, incumbido pelo pontífice Leão X, de vender as indulgências, isto é, o perdão dos pecados à população daquele território, objetivando arrecadar, dinheiro para a construção da Basílica de São Pedro em Roma, pelo que Lutero muito se indignou contra o papa e sua pretensão, e movido pelo sentimento de protesto, afixou na porta da Igreja do Castelo de Wittemberg, suas 95 teses, as quais criticavam, dentre outros abusos, a venda de indulgências, a autoridade papal e o alto-clero. A exposição deste documento levou as autoridades católicas a reagirem contra Lutero e sua doutrina, culminando em sua excomunhão da Igreja, pelo papa, em 1521. Quando de sua excomunhão oficial, White escreveu: “Quando a bula papal chegou a Lutero, disse ele: Desprezo-a e ataco-a, como ímpia e falsa. É o próprio Cristo que nela é condenado. Sinto já maior liberdade em meu coração, pois

finalmente sei que o papa é o anticristo, e o seu trono é o do próprio Satanás” (WHITE, 2004, p.85).

Após proferir tais palavras, Lutero queimou em praça pública a bula que o condenava, e juntamente com ela, “presidiu uma queima de livros em Wittemberg, na qual não só destruiu a bula pontifícia *Essurge Domine*, que pronunciara sua excomunhão, como também entregou às chamas, os Decretais e outros comentários dos canonistas” (SKINNER, 1996, p.295).

2.7 A Dieta de Worms: uma tentativa de silenciar o reformador

Na esperança de por um fim, o mais rápido possível em Lutero e sua doutrina, o papa e demais dignitários da igreja se apressaram, por convocarem uma Dieta na cidade alemã de Worms:

A Dieta começa realmente dois dias após a sentença de excomunhão e a maioria dos príncipes, se bem se declarem dispostos afinal de contas a ouvir Lutero acerca de outras questões, o que desejam, é que ele se apresente antes para retratar-se de tudo quanto disse contra a Igreja e contra a fé (GREINER, 1983, p. 98).

A esperança dos inimigos da Reforma era que usando de ameaças ou mesmo torturas, prisão e morte na fogueira de Lutero, a Dieta de Worms, fosse o símbolo da vitória do catolicismo sobre a causa Luterana. Os partidários do papa ansiavam por ouvir de Lutero sua renúncia a tudo o que já havia escrito e falado contra a autoridade pontifícia e contra as doutrinas católicas. Porém, como veremos, a reação de Lutero diante de sua convocação para se fazer presente na Dieta e por ela questionado, foi contrária à esperada, e de fato, deixou confundidos e admirados seus opositores. Assim escreveu a seu amigo, Spalatin, Capelão do eleitor da Saxônia:

Se me chamam irei. Se se apoderam de minha pessoa, deixemos a coisa entregue nas mãos de Deus. Em caso semelhante, não é preciso preocupar-se com o perigo, mas sim evitar que o Evangelho seja exposto a irrisão do mundo, o que seria o caso de nossos adversários poderem dizer que não tivemos a coragem de professa-lo e não ousamos verter nosso sangue por ele. Não podemos saber se é mais proveitoso para o Evangelho viver ou morrer por ele. Espera tudo de mim, menos que me façam fugir ou revogar (GREINER, 1983, p. 99)

2.8 A coragem de Lutero para defender suas descobertas

Lutero, portanto, não traiu sua consciência, face ao que descobriu nas Escrituras Sagradas, nem jamais se retratou de coisa alguma das quais escreveu, pregou e estava convicto. Para ele, retratar-se, seria o mesmo que desprezar a autoridade divina do Evangelho, em matéria de fé, e ainda, dar lugar a que seus adversários tivessem o direito de afirmarem que sua nova doutrina era tão desprezível que nem o próprio confessor se admitia a confessá-la publicamente e defendê-la, com a própria vida. Após refletir sobre essas verdades, Lutero disse que estava pronto não só para continuar vivendo e lutando para pregar a fé evangélica como de igual modo, se sentia preparado para enfrentar o tribunal que se erguia contra ele e entregar sua vida e seu corpo às chamas de uma fogueira, se assim, pudesse honrar com sua morte, a causa do Evangelho. Estava disposto a tudo, menos fugir de Worms, de seus inimigos e de negar sua fé e sua consciência.

À sua grande coragem, veio a benevolência do Imperador Carlos V, governador da Saxônia, ao prover-lhe um salvo-conduto, a fim de protegê-lo no caminho para Worms e para sua segurança a todo o tempo. Roma por sua vez, juntamente com alguns príncipes católicos, pressionou Carlos V, para que este retirasse o salvo-conduto de Lutero, para assim, se apoderarem de sua pessoa e destruí-lo mesmo antes que chegasse a Worms. Tais pretensões foram fracassadas, no entanto, Lutero foi informado por um amigo, que o imperador mandou queimar todos os seus escritos e pediu que Lutero refletisse sobre a morte trágica de João Huss na fogueira, mas o reformador continuou firme e despreocupado:

O édito do Imperador visa atemorizar-me, responde, mas Cristo está vivo e eu irei a Worms, não obstante todas as portas do inferno irei a Worms, ainda que houvesse ali tantos diabos como há telhas nos telhados. Pôde se queimar João Huss, mas não se pôde queimar a verdade (GREINER, 1983 p.101 e 102).

Foi incrível o destemor com que Lutero reagiu diante dos adversários. Sua coragem e firmeza era proveniente da fé que ele tinha no Cristo vivo e ressuscitado. Para ele, nada o podia deter de pregar e defender o evangelho, nem poderes humanos nem sobrenaturais malignos, poderiam impedir sua obra. Sua ousadia foi tão marcante que causou um ataque de fúria no núncio católico Aleandro, quando este pediu que já que Lutero insistia em comparecer a Worms, pois que comparecesse sozinho sem seus companheiros de viagem e quando seu pedido foi

negado a ira se apossou dele: “Até as pedras se enraiveceriam, quanto mais um homem” (GREINER, 1983, p. 102). Diante do fracasso de seus objetivos, o núncio Aleandro viu-se impotente para deter o inimigo da igreja. Quando pediu o comparecimento de Lutero sozinho, por certo, aproveitaria a oportunidade para dar um fim ao reformador, quando a intenção não pôde tornar-se real, o ódio dominou seus pensamentos e palavras.

2.9 A chegada de Lutero a Worms: emoção e ódio

A 16 de abril de 1521, o toque da trombeta do guarda que vigiava da torre da catedral de Worms, anunciou a chegada do herege à cidade. Sua chegada causou um profundo impacto nas pessoas que residiam ali. Cada um deixou seus afazeres de lado para observarem a chegada do confessor. Em poucos instantes, havia sido formado um cortejo estimado em dois mil homens que o acompanhavam. Figurava entre a multidão, tanto os amigos quanto os inimigos de Lutero, os quais, cada um à sua maneira, testemunharam sua chegada. Um padre adepto da nova fé: “O abraça, toca por três vezes as suas vestimentas e se gloria de ter tido entre os dedos a relíquia do maior santo que já mais existiu”, quanto a Aleandro é dito: “À sua chegada, este Lutero esprou o olhar de seus olhos demoníacos e disse simplesmente: Deus estará comigo” (GREINER, 1983, p. 102).

A chegada de Lutero a Worms causou intensa comoção nas pessoas. Elas vieram recebê-lo, certamente, porque estavam demasiadas admiradas de sua ousadia em falar contra a supremacia papal e por causa de seu destemor em enfrentar os poderosos, bem como, porque sem dúvida, em especial seus inimigos já aguardavam seu fim trágico: sua condenação, sua execução e finalmente sua morte. Alguém na multidão o recebeu amigavelmente, vendo em Lutero uma imagem visível de um santo invisível, outro alguém o olhou odiosamente, difamando-o, falando que, Lutero afirmou está em companhia do próprio Deus.

2.10 O início dos debates: exigência pela retratação do confessor

No dia seguinte à sua chegada, 17 de abril, às seis horas da tarde, Lutero fez sua entrada. Na sala haviam reunidos mais de duzentos dignitários. Ali também estavam presentes, tanto os inimigos quanto os amigos de Lutero, como Frederico o

Sábio e o Landgrave Felipe de Hesse. Os debates começaram sob a direção do Oficial João Von Der Ecken, que em nome do Imperador, perguntou a Lutero se ele reconhecia como seus uma pilha de escritos expostos sobre uma mesa e se Lutero estava disposto a considerar os erros que Roma encontrou neles. Ao investir nessas duas perguntas simples, os opositores de Lutero esperavam ouvir uma simples resposta um sim ou não, e independentes da resposta, triunfarem sobre o reformador, pois caso este respondesse sim, teriam eles os motivos para o condenarem à morte por ter falado contra o pontífice e sua igreja, se Lutero respondesse um não, teriam eles ganhado a causa, uma vez que os ensinamentos de Lutero teriam sido anulados e invalidados pelo próprio confessor, e assim a reforma luterana teria chegado ao seu fim ali mesmo e o sistema papal permanecido de pé.

Por outro lado, antes que Lutero desse sua resposta, a assembleia reunida ouviu a voz do jurista Schurf a pedir que ao menos lessem os títulos dos livros ali presentes. Quando os títulos foram lidos, Lutero, prontamente, respondeu que sim, que os reconheciam como seus. Ao ouvir sua resposta, Ecken insistiu em que o confessor se arrependesse e se retratasse. Os juristas aconselharam Lutero a refletir sobre sua resposta, ele aceitou não porque estivesse indeciso, mas porque gostaria de preparar sua resposta de forma cautelosa.

Deram-lhe um prazo de vinte e quatro horas, para se apresentar à Dieta novamente. Em 18 de abril, pelas seis horas da tarde, os debates foram prosseguidos e ali havia naquela hora, muito mais pessoas que na noite anterior. João Von Der Ecken prosseguiu o interrogatório dizendo: “queres defender todos os teus livros, ou queres retratar-te de certas afirmações que contem”?(GREINER, 1983, p. 104). Lutero começou sua defesa dizendo que reconhecia como seus todos aqueles escritos e explicou que os mesmos podiam ser divididos em três espécies:

Há alguns nos quais falo da fé cristã e das boas obras de uma maneira tão simples, tão ingênua tão cristã, que meus próprios adversários se veem obrigados a reconhecer que são uteis inofensivos e dignos de serem lidos pelos verdadeiros cristãos, Há a seguir outros dirigidos contra papado e contra os papistas que ambos arruimaram o corpo e a alma da cristandade por suas falsas doutrinas, sua má conduta e seu exemplo escandaloso (GREINER, 1983, p. 104-105).

2.11 O fim dos debates e a confissão de fé do reformador

Decidido a enfrentar seus opositores, Lutero não se esquivou. Declarou ser de sua autoria, todos aqueles escritos que foram acusados de heresias, bem como explicou de quais assuntos se tratavam cada um deles. Falou da fé e das boas obras, explicando a finalidade de cada uma, e falou também, dos abusos doutrinários e éticos do pontífice e seus adeptos. Declarou, pois, não ter de que reconhecer está equivocado, o que escreveu em cada um de seus livros, era assunto de inteiro conhecimento de todos. Negá-los, seria, pois, negar o evangelho.

Ao ouvir a confissão destemida de Lutero, Ecken o repreendeu de forma violenta, por ter se atrevido a fazer tais declarações diante da Dieta e exigiu, mais uma vez, sua retratação. Lutero respondeu que a única forma de o fazerem retratar-se seria prová-lo, pelas Escrituras Sagradas, seus erros, se assim o fizessem, estava disposto a arrepender-se e a retratar-se, caso contrário ninguém esperasse sua retratação, pois dizia:

não creio nem na infalibilidade do papa, nem na dos concílios, porque é manifesto que frequentemente se tem equivocado e contradito. Fui vencido pelos argumentos bíblicos que acabo de citar e minha consciência está presa na palavra de Deus. Não posso e não quero revogar porque é perigoso e não é certo agir contra sua própria consciência. Que Deus me ajude. Amém! (GREINER, 1983, p. 107).

Com tais palavras, selou o seu testemunho de que sua consciência não lhe arguia de erro algum, para ele o papa e os concílios eram tão falíveis quanto os erros que deles descobriu. Sua fé, por outro lado, era fundada em bases sólidas que jamais poderiam falhar a Palavra Divina, e de seu Autor, esperava o auxílio de que tinha necessidades.

Tais declarações de Lutero provocou um tumulto de alvoroços nos ouvintes presentes. O imperador encerrou a sessão, mas ainda foi ouvida a voz estrondosa de Echen:

abandona tua consciência Frei Martim, a única coisa isenta de perigo é submeter-se a autoridade estabelecida” é dito que Lutero, rodeado por todos os lados, levanta os braços como fazem os vencedores ao final de um torneio, e diz ”atravessei a fogueira (GREINER,1983, p. 107)

Esses dizeres marcaram o encerramento da sessão, às oito horas da noite daquele dia, 18 de abril de 1521. Do lado de fora, do lugar onde a Dieta havia sido

reunida, soldados alemães reclamaram sua morte, Lutero, porém, após o combate oral com seus adversários, foi reconduzido a seus aposentos em vida e em paz.

Os historiadores estão todos de acordo, que a Dieta realizada na cidade de Worms foi um acontecimento histórico, com necessidade de se entender seu significado. É necessário perceber, que ela não marcou o início da liberdade de exame e de consciência. Em Worms, Lutero expôs que somente a Escritura Sagrada devia ser considerada como a maior das autoridades humanas e a religião, por sua vez, seria questão de caso particular de cada um, mas a consciência individual deveria, em todo o caso, está sujeita à revelação bíblica. Seria somente em 1530, que o direito de livre exame e consciência seria conquistado, por meio do que ficou exposto na Confissão de Augsburgo.

2.12 A Revolta dos Camponeses: lutando por uma vida mais humana

Lutero nunca quis que a Reforma fosse confundida como um movimento de causa social ou política, senão como uma causa espiritual, isto é, religiosa e durante seu ministério, se opôs rigidamente contra todos quantos quiseram se utilizar de seus ensinamentos para desviá-los para outros meios que não a religião. Mas contrária à sua vontade, em princípios de 1525, teve início a Guerra dos Camponeses, causada em face das péssimas condições de vida e de existência a que estavam submetidos. O regime de servidão ao qual estavam sujeitos, não lhes garantiam nem direitos jurídicos, nem condições de sobrevivência dignas de ser humano.

Em 1523, regiões como o sul e o leste da Alemanha e os cantões suíços se encontravam em estado de rebelião e os insurretos chegaram a tomar conhecimento dos ensinamentos de Lutero sobre a doutrina do “Sacerdócio Universal” e a “Liberdade Cristã”, dos quais tiraram suas próprias conclusões e as transformaram em “liberdade” e “igualdade”. Levando avante suas interpretações, a rebelião atingiu o sudoeste, a Suábia e os limites do Lago de Constança.

2.13 Os Doze Artigos: liberdade social e de religião

Em março de 1525, passaram a se utilizar de um documento que criaram, conhecido como “Doze Artigos”, no qual, estavam expostas as queixas e reivindicações camponesas, entre as quais, se encontrava:

a supressão da escravidão e o restabelecimento dos livres direitos de caça pesca e pastoreio, petições estritamente religiosas, como o direito à pregação do puro Evangelho, à eleição livre dos pastores e a pagá-los com o dízimo levantado antecipadamente pelos senhores (GREINER, 1983, p.148).

Vemos aqui, que a luta dos camponeses foi motivada por seu desejo de liberdade humana e como mão de obra trabalhadora nos campos, bem como, seu direito de usufruir daquilo que a natureza lhes oferecia para sua própria subsistência, buscando ainda por liberdade religiosa, da qual, ansiavam o Evangelho Sagrado e que seus pregadores fossem recompensados em dinheiro por seu trabalho pastoral, levando em consideração o objetivo de terem o evangelho puro, optaram por retirar de suas reivindicações tudo aquilo que julgaram está em desacordo com os ensinamentos bíblicos.

2.14 O início da revolta: caos e destruição

Em abril de 1525, camponeses e proletários urbanos invadiram todos os campos que se estendiam da região dos Vorges à Áustria e de Salsburgo à Turígia. A insurreição assumiu tal vulto, que as autoridades nada puderam fazer e os soldados, por vezes, se uniram àqueles aos quais tinham sido incumbidos de combater.

Diante do caos, Lutero se aprontou em defender a causa da reforma e passou a se sentir responsável diante de Deus pela mesma e pela Alemanha. Entendeu que seu dever era guardar a: “Alemanha da desordem e do caos [...] e impedir que a Reforma afunde em um movimento político e social que comprometeria irremediavelmente seu objetivo verdadeiro” (GREINER, 1983, p.149). Por esse pensamento, Lutero sentiu-se movido a agir contra o movimento camponês, não por ser a favor de sua opressão, mas pelo fato de estarem interpretando mal seus ensinamentos e se utilizando deles de forma equivocada, para praticarem a violência contra as autoridades e destruição de toda sorte. Para Lutero, era um erro muito grave confundir a reforma espiritual da cristandade com uma causa de ordem política e social.

2.15 Exortação à paz, a propósito dos Doze Artigos dos camponeses da Suábia: tentativa luterana de impedir a revolta

Prosseguindo na intenção de impedir que o caos e a destruição atingissem a tudo e a todos, Lutero redigiu um texto intitulado "Exortação à paz, a propósito dos Doze Artigos dos camponeses da Suábia". Por meio deste escrito, ele buscou conscientizá-los, que ele reconhecia que a causa camponesa pertencia não a si mesmo, mas aos juristas, para atendê-los em suas reivindicações ou não, e ainda que concordasse com muitas de suas reivindicações, entretanto, declarou-lhes que sua única missão era esclarecer as consciências e ensinar a Palavra de Deus, e por meio dessa declaração, buscou convencer os camponeses a deixarem as armas e a buscarem a paz, como convinha aos que professavam ser cristãos e que fossem capazes de suportar as opressões que sofriam, na esperança de aguardar a manifestação da ira divina para lhes fazer justiça. Nesse momento, Lutero também voltou a sua voz para as autoridades senhoriais, para adverti-los e acusá-los, uma vez que acreditava que por trás da cólera dos camponeses, estava a ira Divina contra aqueles senhores e disse-lhes:

Já que sois a causa desta cólera Divina, ela passará sobre vós. Os sinais no céu e os prodígios sobre a terra vos concernem, caros senhores, e eles não anunciam nada de bom! Mudai, pois de conduta e cedei à sua Palavra [...] não são os camponeses caros senhores que se revoltam contra voz, é Deus mesmo que se levanta contra vossa crueldade e que vem vos julgar (GREINER, 1983, p.150 e 151).

Vemos que Lutero estava convencido de que, por trás da cólera dos camponeses, estava a manifestação da cólera de Deus contra aquelas autoridades senhoriais em face à sua negligência com os ensinamentos das Escrituras Sagradas, como ainda, a opressão com que tratavam aqueles que arduamente trabalhavam em suas terras. Prosseguiu ainda, suas admoestações aos camponeses que haviam tomado para si o nome de cristãos luteranos e disse-lhes:

não quero arrebatá-los nada da justiça da vossa causa, mas já que vós mesmos a defendeis e não quereis suportar nem injustiça nem violências, ide sob a proteção de Deus, mas não vos glorieis no nome de cristãos, não façais dele um pretexto para justificar vossa conduta ímpia e vossa sedição, não penso deixar vos esse nome [...] trabalharei para vo-lo arrancar por meio de meus escritos [...] o que quero é que resistindo às minhas instâncias [...] vós, tão bem quanto vossos adversários, renunciéis ao nome de cristãos. Então não sois mais que um povo que se levanta contra outro povo, um mal que Deus bate e pune por meio de outro mau (GREINER, 1983, p.151 e 152)

Por meio desse discurso, Lutero exigiu dos camponeses e seus senhores que se destituíssem do nome de cristãos, visto que agiam de forma a negar tal atributo, e deixou claro que trabalharia contra sua pretensão, a menos que cada um assumisse seus deveres de praticar a justiça e a retidão, como convinha aos que professavam a fé evangélica. Lutero expôs ainda, que à medida que ambos os lados se destruíam mutuamente e perdiam as características de cristãos verdadeiros, já não eram nada de caráter nobre, mas os classificou apenas como dois povos qualquer, que se matavam um ao outro.

2.16 Os revoltosos: do massacre à derrota

Apesar das tentativas que fez para impedir a guerra e suas consequências, Lutero não foi ouvido. Sabemos, que logo em seguida, uma multidão estimada em trinta mil camponeses, liderados pelo pastor Thomás Muntzer, massacraram a todos quantos lhes foram ordenados pelo líder. Oito dias após o início dos combates, os exércitos protestantes e católicos, conseguiram derrotar os camponeses, não sem antes ter-lhes oferecido à paz, com a condição de que os líderes fossem entregues. Nesse momento crítico dos fatos, Muntzer conseguiu novamente convencer os camponeses a lhe obedecer, ele conseguiu isso, se utilizando de um acontecimento natural, em que no preciso momento de seu apelo, todos viram o surgimento do arco-íris nas nuvens, e aproveitando o sinal, prometeu aos combatentes que: “todas as balas se perderiam nas mangas de sua japona” (GREINER, 1983, p.155).

Ao observarmos tal acontecimento e a promessa que fez Muntzer aos seus seguidores, vemos quão forte e significativo isso pôde ter sido para os camponeses. Acreditando que, de fato, o arco-íris era um sinal divino a lhes abençoar e que a promessa de seu líder se cumpriria certamente, os revoltosos em uníssono começaram a entoar o hino denominado “Veni Creator” e marcharam juntos para o massacre. Durante o combate, quinhentos camponeses foram mortos e outros trezentos igualmente, antes de terem sido julgados e condenados. O próprio Muntzer foi encontrado em seu esconderijo, e logo em seguida submetido à tortura antes de ser decapitado. Sua esposa que estava grávida, também não foi poupada e sofreu as mais cruéis violências.

2.17 Consequência para a Reforma: da intolerância ao extermínio

Tais acontecimentos trouxeram consigo suas consequências para a reforma luterana. O povo que sobreviveu ao caos passou a responsabilizar Lutero pela destruição ocorrida, e aproveitando dessa ocasião, no mês seguinte ao término da guerra, em junho de 1525, os príncipes católicos da região norte da Alemanha se uniram para formarem uma aliança entre si, objetivando destruir o luteranismo. Os territórios de religião protestante concordaram em apenas expulsar de seus territórios os rebeldes. Contrários a tal medida, os territórios de fé católica aproveitaram o momento para favorecer sua própria religião e, nesses territórios, houve uma estimativa de quarenta mortes por enforcamento, em que as quarenta vítimas eram todas pastores luteranos. Dando sequência à intolerância, nestes mesmos territórios, foi decretada a pena de morte para quem possuísse algum dos escritos de Lutero, bem como a estrita proibição da leitura e posse da tradução luterana da Bíblia.

Pelo exposto acima, vemos, pois, que tais acontecimentos com suas consequências, formaram como que um muro de ferro diante da reforma. Por essa época, a fé evangélica tendeu a ficar confinada dentro das cidades, uma vez que todo o campo passou a desconfiar dele. Porém, nesse momento de crise, Lutero empenhou-se por buscar reconstruir o que havia sido destruído e seu trabalho passou a ser: “pregar o Evangelho, fazer nascer e fortalecer a fé, formar homens e, sobretudo, príncipes cristãos que estejam doravante, à altura de suas responsabilidades” (GREINER, 1983, p.158). Longe de ficar de braços cruzados, olhando para o nada e lamentando o passado, Lutero se reanimou e se dedicou novamente a pregar o Evangelho, o qual, acreditava ele, possuía o poder de renovar todas as coisas, em especial a mente e o coração dos homens, de modo a lhes proporcionar um caráter cristão são e virtuoso.

2.18 A Dieta de Espira e o protesto dos príncipes

Em 1529, o Imperador da Alemanha Carlos V, convocou uma Dieta na cidade de Espira na Alemanha, tendo como objetivo, destruir a “heresia” luterana. Até aquele momento, havia o direito de se praticar a nova religião, devido ao estabelecimento legal da tolerância religiosa, e os Estados que se proclamaram a

favor da Reforma, estavam resolvidos a não se oporem à violação de seus direitos. Por outro lado, os padres insistiram que tais Estados deveriam se submeter à jurisdição romana. Dentre as exigências expostas: “não deveria haver oposição à celebração da missa, e nem se permitir que qualquer católico romano abraçasse o luteranismo” (WHITE, 2004, p. 115).

Em defesa de seus direitos, os príncípios alemães protestam: “Rejeitamos esse decreto, em assuntos de consciência a maioria não tem poder. Proteger a liberdade de consciência é dever do Estado e este é o limite de sua autoridade em matéria de religião” (WHITE, 2004, p.116).

Considerando a defesa destes príncipes, observamos que o protesto de Espira constituiu um testemunho aberto contra a intolerância religiosa daquele tempo, bem como, o direito de todos os homens crerem em Deus e o adorarem de conformidade com sua própria consciência.

2.19 A Confissão de Augsburg: consolidação da fé luterana

Em 1530, foi redigida a Confissão de Augsburg, escrita por Lutero e seus companheiros. Esta confissão foi apresentada ao Imperador Carlos V e à Dieta de Augsburg. A mesma era composta de vinte e oito artigos. Destes, nos primeiros vinte e um, apresentaram a doutrina luterana e sintetizaram os ensinamentos de Lutero. Este documento teve ainda por finalidade, provar que os luteranos não pregavam novas doutrinas contrárias às Escrituras Sagradas, e sim, demonstrar, por meio dele, os erros doutrinários da igreja católica de seu tempo: “aquele dia foi declarado o maior dia da Reforma, e um dos mais gloriosos na história do cristianismo e da humanidade” (WHITE, 2004, p.119) A respeito desta assembleia escreveu Lutero: “Estou jubilosíssimo, de que eu tenha vivido até esta hora, na qual Cristo é publicamente exaltado por tão ilustres pessoas que o confessam e numa Assembleia tão gloriosa”. (WHITE, 2004, p.119).

A confissão de Augsburg foi à declaração definitiva das doutrinas luteranas, e sua oposição ao sistema religiosa vigente.

III. AS PRÁTICAS COMUNITÁRIAS DA REFORMA PROTESTANTE: O CULTO E AS CERIMONIAS LUTERANAS

A religião era algo que estava presente em todas as etapas da vida dos protestantes, desde o nascimento até a morte, tudo era vivenciado conforme a fé evangélica.

Após as ferrenhas discussões entre Lutero e os representantes da igreja romana, quando a fé luterana já havia sido exposta, confessada e afirmada, é que se poderia estabelecer o novo culto com suas cerimônias ou rituais simbólicos. Fundado inteiramente em bases bíblicas, tais práticas se tornariam a regra de fé e de doutrina da religião protestante. Lutero assim o expôs: “Tudo é regulamentado e ordenado segundo o evangelho, o batismo, a oração dominical; é aí que se encontra Jesus Cristo” (ARIES, CHARTIER, 1991, p.102).

O novo culto deveria estar centrado todo no Evangelho e, aos cristãos, deveriam ser ministrados os sacramentos do batismo e a ceia, com a partilha do pão e do vinho a todos os fiéis, além da prática da oração individual e coletiva.

O historiador do protestantismo, E'mile G. Leonard, explicou onde é que se poderia perceber a oposição entre protestantismo e catolicismo. Ele diz que:

A salvação pela fé princípio do protestantismo. Mas não pela fé em si, sem objetivo preciso. Pela fé em Jesus Cristo restaurador, e único restaurador possível, do contato com o pai, é à base de todo o cristianismo. Se queremos dar-lhe forma protestante, teremos de dizer 'pela fé individual em Jesus Cristo', e insistir no termo individual (ARIES, CHARTIER, 1991, p. 102 e 103).

Leonard deixou claro que a fé protestante é baseada na fé em Jesus como salvador do pecador, não uma fé em si mesma, mas em Jesus que restaura a comunhão do cristão com Deus, o pai, por seu sacrifício, morte e ressurreição. Essa doutrina contradiz o catolicismo que, por sua vez, assim define como se dá a salvação da igreja universal e individual: “A igreja é salva porque tem fé em Jesus Cristo e cada cristão o é porque pertence à igreja e enquanto pertence” (ARIES; CHARTIER, 1991, p. 103).

A doutrina católica afirmava que a igreja universal, isto é, o conjunto de todos os fiéis espalhados por todo o globo que professam a fé católica, de um lado é salva porque em conjunto têm eles fé em Jesus Cristo e o católico individual, por outro lado, alcança sua salvação porque faz parte da igreja por meio do batismo e só

poderá alcançar essa salvação no seio do catolicismo. Ao analisarmos essas duas vertentes sobre a fé e a salvação, para o protestante e para o católico, conseguimos perceber que é nessa oposição de salvação por meio da igreja, contra a salvação pessoal e direta em Jesus Cristo, que o protestantismo alcança seu valor e sua originalidade. Isso, porém não significa afirmarmos que o protestante é um cristão solitário diante de Deus e que o católico é um cristão envolto pela comunidade, incluindo nesta o clero.

3.1 O culto familiar: oração individual e leitura bíblica

Para o cristão luterano, o primeiro dever para com Deus era a prática da oração individual aliada à leitura e estudo diário da Bíblia. Isso deu origem ao que veio a ser chamado de culto familiar. Em um lar protestante, essa incumbência ficava a cargo do pai de família que, pela manhã e pela noite, reunia à sua volta, todos quantos residiam consigo, a esposa, os filhos e os criados. O culto consistia na leitura de um texto bíblico e, em seguida, a família se punha a cantar os salmos e encerrava-se o culto com recitação em voz alta do Pai Nosso.

Lutero enaltecia as virtudes do canto religioso, acompanhado das orações da manhã e do fim da tarde. Ao final das refeições, o líder da família abençoava a todos e dava as ações de graças pelas bênçãos recebidas. Mas os deveres desse líder não terminavam por aí, sobre ele repousava outras responsabilidades:

conforme o alcance de sua mente, o pai de família exortava os criados a seguirem a virtude e a fugirem do vício, a fim de que, vivam como se deve, sem fazer mal a ninguém. Proibir-lhe as blasfêmias, libertinagem, roubos e outros vícios em sua casa para que continue sendo uma casa honrada (ARIES, CHARTIER, 1991, p. 104).

Exortar familiares e criados a serem virtuosos espíritos e moralmente eram, pois, deveres indispensáveis de um pai de família que professava a fé luterana.

3.2. A comunidade evangélica: participação coletiva e submissão

Fora do lar, o luterano pertencia a outra família, onde deveria desenvolver seu caráter e personalidade piedosa. Pertencia, igualmente, a uma paróquia onde se vivenciava as reuniões coletivas dos fiéis e o responsável pela congregação vigiava a conduta de cada um. Essa forma de controle objetivava promover o respeito às

práticas religiosas coletivas. Sobre o fiel da nova fé, caberia comparecer aos cultos realizados aos domingos, no qual haveria adoração, apelo à conversão e a salvação e em especial o ensino da doutrina evangélica.

Portanto, essa forma organizacional do culto buscava, assim, levar os fiéis a vivenciarem e a partilharem juntos as preces, as leituras bíblicas e os cânticos, e por fim, oferecer o mais importante à congregação, o sermão doutrinário, realizado pelo pastor. Quanto a este, um artigo da Disciplina das Igrejas Reformadas da França de 1675, determinava que os pastores não deveria pregar tema algum, se este não fosse um texto das Escrituras Sagradas. Ao final do culto de domingo, os adultos eram encaminhados para uma reunião de catequização, onde receberiam os ensinamentos concernentes à fé evangélica.

3.3 A ceia: partilha do pão e do vinho aos fiéis

Outra reunião importante era a que se realizava a comunhão do pão e do vinho em alusão simbólica ao corpo e sangue de Jesus Cristo. A ceia, como era chamada, era oferecida nas quatro celebrações anuais principais, na Páscoa, Pentecostes, começo do outono e no Natal. Durante essas comemorações, os fiéis recebiam a comunhão do pão e do vinho e ouviam o pastor declarar que: "O pão que partimos é a comunhão no corpo do Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu pela remissão de nossos pecados. Lembrai-vos de que Cristo derramou seu sangue na cruz pela remissão de nossos pecados" (ARIES, CHARTIER, 1991, p.106).

Com isto, o ministrante eucarístico buscava despertar a consciência dos comungantes, de que recebendo o pão e o vinho, pelo mistério da fé, estavam a ingerir um alimento espiritual muito importante, o corpo e o sangue de Cristo, entregue e derramado na cruz para dar vida eterna e espiritual ao fiel. Porém, antes de participar da comunhão, o fiel deveria entregar uma espécie de ficha pessoal a um ancião encarregado para esse fim, para que assim pudesse o líder da congregação conhecer se todos os membros da paróquia haviam cumprido o seu dever de participar da santa ceia.

Buscando ainda evitar que alguém que não estivesse de acordo com a fé e com as práticas da igreja reformada tomasse a comunhão indignamente, a menos que estivesse arrependido de algum pecado cometido, e tendo substituído o costume católico de se confessar os pecados pessoalmente aos ouvidos de um

sacerdote, a igreja reformada substituiu tal costume, pelo que se chamou de absolvição evangélica coletiva, cerimônia realizada pelo pastor que lia em voz alta para toda a congregação uma lista dos pecadores confessados publicamente.

3.4 O batismo como símbolo do novo nascimento

Outra grande celebração coletiva na vida dos luteranos era a cerimônia do batismo, realizada no templo:

Após uma prece solene oferece-se essa criança a Deus, pedindo em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo que se torne participante de sua salvação e que o batismo produza nela sua virtude, em remissão do pecado original e em santificação quando envelhecer. E depois de obter dos que a apresentam a promessa de que a instruirão na fé do Evangelho e no amor a piedade, derrama-se-lhe água na cabeça, batizando-a em nome do pai, do filho e do Espírito Santo (ARIES, CHARTIER, 1991, p. 107,108).

À semelhança da cerimônia batismal católica, inicialmente os luteranos ministravam o sacramento do batismo aos recém-nascidos, a água derramada na cabeça da criança simbolizava a purificação espiritual do batizando da mancha do pecado original e, à medida que fosse crescendo e se tornando adulta como um novo cristão evangélico, deveria receber toda a orientação precisa ao seu desenvolvimento e amadurecimento espiritual.

Nota-se, ainda, que as palavras rituais pronunciadas pelo ministrante no batismo seguia a ordenação do próprio Jesus registrada nos Evangelhos aos seus apóstolos “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mateus 28:19).

Era durante o batismo, que a criança recebia do pai seu nome e a presença dos padrinhos de batismo era desnecessária, uma vez que, não encontravam nas Escrituras alusão a estes, no entanto, na prática esse costume se manteve entre os luteranos.

3.5 Noivado e casamento na fé luterana

O noivado era uma etapa importante do compromisso de casamento que antecedia a celebração matrimonial. O compromisso de noivado era levado tão a sério que, tal como no casamento, só poderia ser rompido em caso de grandes e

legítimas causas. O casamento, por conseguinte, era celebrado seis semanas após o comprometimento dos noivos, diante do ministro e da congregação.

3.6 Morte: começo de uma nova vida

Uma vez que não acreditavam no purgatório nem na intercessão dos vivos, para os luteranos, as cerimônias funerárias, restringiam-se a uma cerimônia simples e decente. Primeiro, o morto era velado somente na presença da família, os quais faziam uma breve oração, e em seguida se dirigiam ao templo, onde em companhia dos demais membros da congregação se reuniam para ouvir um sermão do pastor. Após o sermão, o corpo era levado para ser sepultado no lugar destinado pela família.

Para os luteranos, a vida após a morte era uma questão de salvação pessoal. Aquele que em vida tivesse exercido fé em Jesus Cristo como seu salvador pessoal e tivesse passado pelo arrependimento de seus pecados, poderiam está seguros de seu lugar no reino celestial. Para aqueles que ainda viviam e tinham essa fé, a salvação e a vida eterna após a morte, era já uma certeza.

3.7 Catolicismo e Luteranismo: do coletivo ao individual

Ao analisarmos tais aspectos das vivências da fé luterana, embora simples, mas necessárias para uma melhor compreensão do que mudou na vida dos seguidores da nova fé e do que os separava da fé anterior, percebemos que: “da oração familiar à disciplina eclesiástica, do batismo ao culto dominical e a celebração da ceia, as práticas protestantes parecem no mínimo tão comunitárias quanto as católicas” (ARIES, CHARTIER, 1991, p. 109).

Diferente dos católicos que viam no sacrifício da missa, nas orações pelos mortos, nas peregrinações aos santuários marianos um significado para a doutrina de que o católico não era um cristão sozinho rumo à sua salvação, mas alguém que tinha a seu favor os méritos de Cristo e a intercessão de uma infinidade de santos aliada às orações dos vivos, para os luteranos, as práticas e celebrações coletivas serviam apenas para manter o participante da nova fé em sua fidelidade individual, para que assim, o líder religioso pudesse tomar conhecimento do compromisso e da piedade pessoal de cada um que professou aceitar a fé evangélica.

Se o católico deveria viver por meio da graça de Deus e merecer sua própria salvação por meio de suas obras, o protestante deveria viver segundo os mandamentos da lei divina, gratuitamente pela graça de Deus, oferecida ao crente por meio de Jesus Cristo. Sendo assim, o evangélico estaria libertado da angústia da morte e do juízo divino e ao acolher os ensinamentos das Escrituras e ao se submeter às suas exigências, deveria demonstrar por estas, sua eleição da parte do próprio Deus. Ficou claro, pois, que o individualismo e a intimidade do crente com Deus, formavam o centro da teologia reformada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar com textos diversos, sobre a história da Reforma Protestante, percebe-se que cada autor poderá escolher uma ampla variedade de possibilidades, em termos de política, sociedade, cultura ou de ordem religiosa, expor uma história do cisma e reforma da igreja cristã.

A partir da análise dessas características, nota-se que a decadência dos valores morais e sociais da Europa, nos séculos XIV e XV, deu margem para o surgimento da crise religiosa, que abalou profundamente os espíritos cristãos dessa época. Entre estes, se achava Lutero, que viu no ingresso da vida religiosa, uma suposta solução para suas inquietações espirituais.

Porém, estando já a cumprir rigorosamente as regras do mosteiro dos agostinianos, Lutero percebeu que sua angústia, em vez de encontrar paz, aumentava cada vez mais. Por volta de 1515, as coisas começaram a mudar, e Lutero encontrou na carta de São Paulo aos Romanos, pouco tempo depois, o verso – chave para o fim de suas inquietações espirituais e para a fundamentação de sua nova teologia, a qual fez irromper um conflito teológico e doutrinário entre Lutero e os dignitários da Igreja Católica.

Esta, por sua vez, que era representada pelo papa e o restante do clero, vendo que Lutero não renunciava a seus pensamentos e ensinamentos, decidiu tomar as providências necessárias e expulsá-lo da Igreja, com o título de herético. Isso finalmente aconteceu em 1521 e, logo em seguida, se realizou a convocação de Lutero e seu comparecimento à Dieta de Worms, na qual as autoridades eclesiásticas esperavam destruir Lutero e sua doutrina, fosse através de sua renúncia a ela, fosse por sua condenação, execução e morte na fogueira.

Do outro lado do conflito, Lutero e seus seguidores reagiram e lutaram, para que fosse um direito deles, a liberdade de consciência e expressão. Em 1525, a reforma luterana foi abalada com a explosão da Revolta dos Camponeses, a qual trouxe consigo o caos e a destruição e conseqüentemente, a intolerância e a repressão para a reforma. Em 1530, redigiram a Confissão de Augsburgo, na qual, se declarou abertamente as crenças luteranas, em oposição ao sistema religioso romano.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da Vida Privada: da renascença ao século das Luzes**. 3 vol. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da igreja no período da reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

GREINER, Albert. **Lutero: ensaio biográfico**. 29 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

LUIZZETO, Flávio. **Reformas religiosas**. São Paulo: Contexto, 1989.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WHITE, Ellen G. **O grande conflito: acontecimentos que mudarão o seu futuro**. 7 ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2004.